

O absurdo infamiliar: uma análise dos processos de subjetivação a partir de Albert Camus e da psicanálise freudiana

*The familiar absurd:
An analysis of the processes of subjectivation based on Albert Camus and Freudian
psychoanalysis*

*L'absurde familial:
Une analyse des processus de subjectivation à partir d'Albert Camus et de la psychanalyse
freudienne*

Marcos Ferreira Campos¹

Resumo: O artigo visa discutir traços da filosofia de Albert Camus em diálogo com alguns elementos da psicanálise freudiana. A teoria do absurdo de Camus é uma lente a ser usada na leitura dos comportamentos culturais contemporâneos. Nesse ponto, percebe-se que aquilo que o filósofo mapeia como condição anormal da vida humana tem tomado lugar de estabilidade no campo psicossocial cotidiano. Albert Camus nos lega a visão de felicidade pautada na liberdade, além da física dos corpos. Uma liberdade transcendente em que se pode galgar o tempo da escolha e do juiz. A sociedade contemporânea com seus afetos mórbidos e líquidos oferta uma liberdade “absurda”, que rouba do homem o caráter de condutor de sua própria vida. Sua problemática da revolta se mantém de uma maneira camuflada, ou seja, o homem revoltado dá lugar ao homem conformado, contudo sem perder a volatilidade do desejo-revolta pautada na teoria mítica de Sísifo e seu esforço eterno e inútil.

Palavras-chave: Albert Camus. Processo de subjetivação. Teoria do absurdo.

Abstract: The article aims to discuss traces of Albert Camus' philosophy in dialog with some elements of Freudian psychoanalysis. Camus' theory of the absurd is a lens to be used when reading contemporary cultural behavior. At this point, we realize that what the philosopher maps out as an abnormal condition of human life has taken a stable place in the everyday psychosocial field. Albert Camus gives us a vision of happiness based on freedom, beyond the physical freedom of the body. A transcendent freedom in which one can reach the time of choice and of the judge. Contemporary society, with its morbid and liquid affections, offers an “absurd” freedom, which robs man of the character of the conductor of his own life. His problem of revolt remains camouflaged, that is, the revolted man gives way to the conformed man, but without losing the volatility of the desire-turn based on the mythical theory of Sisyphus and his eternal and useless effort.

Keywords: Albert Camus. Process of subjectivation. Theory of the absurd.

¹ Mestrado em Ciências Humanas (UFVJM).

Résumé: L'article vise à discuter des traces de la philosophie d'Albert Camus en dialogue avec certains éléments de la psychanalyse freudienne. La théorie de l'absurde de Camus est une lentille à utiliser pour lire les comportements culturels contemporains. À ce stade, nous nous rendons compte que ce que le philosophe décrit comme une condition anormale de la vie humaine a pris une place stable dans le champ psychosocial quotidien. Albert Camus nous donne une vision du bonheur fondée sur la liberté, au-delà de la liberté physique du corps. Une liberté transcendante dans laquelle le temps du choix et du jugement peut être atteint. La société contemporaine, avec ses affects morbides et liquides, offre une liberté “absurde”, qui enlève à l'homme le caractère de chef d'orchestre de sa propre vie. Son problème de révolte reste camouflé, c'est-à-dire que l'homme révolté cède la place à l'homme conformé, mais sans perdre la volatilité du retournement du désir basé sur la théorie mythique de Sisyphe et de son effort éternel et inutile.

Mots-clés: Albert Camus. Processus de subjectivation. Théorie de l'absurde.

1 INTRODUÇÃO

Albert Camus, filósofo e prêmio Nobel de Literatura, rompeu, em dado momento, com a corrente filosófica predominante na França dos anos 1950: a filosofia existencialista. Esse hiato, provocado principalmente por divergências teóricas com Jean Paul Sartre, serviu como mola propulsora para a criação de uma nova corrente de pensamento: a filosofia absurdista. Esta nos propõe três tipos de homem: O homem reconciliado (produto da aceitação de seu estado), o homem revoltado (produto do rompimento com o divino e o eterno) e o homem absurdo (produto do divórcio do desejo com a realidade). Encontraremos estes homens na atualidade? Quais suas camuflagens? Ou os processos de subjetivação inquiridos por Camus se liquidificaram no efeito destas transformações sociais?

De fato, Camus não goza de ineditismo no conceito de absurdo, uma vez que outros pensadores, como o filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard, já o havia abordado séculos antes. Porém, coube a Camus dissecar o conceito em vias de análise do social, superando o conceito metafísico ora potente. Se pensadores como Kierkegaard, Kafka, Dostoievski, abordaram o absurdo em diferentes direções, ora para o céu ora para a terra, coube a Camus a coragem de olhar para dentro do homem.

A produção camusiana é inebriante. Por vezes, não sabemos se estamos diante de uma literatura-filosófica ou de uma filosofia-literária. E penso que é assim que ele queria que sua

obra fosse recebida. Mesmo tendo feito toda sua graduação e pós-graduação em Filosofia, não admirava o título de filósofo. Camus se declarava um escritor. Contudo, mesmo os textos teatrais não fogem a permeabilidade da angústia e da política. É instigante analisar dois pontos em sua obra filosófica: como a política angustiou Camus, e como a angústia do ambiente social influenciou sua visão política e, por fim, como isso tudo é refletido em sua filosofia do absurdo.

Nascido em tempos de partilha, ou seja, época em que os ocidentais europeus dividiam a África e suas riquezas, Camus se viu expatriado na própria pátria. Argelino de nascença era franco-argelino de ocupação. Em 1914, um ano após nascer, perde o pai nos combates da Primeira Guerra Mundial, afundando a família numa pobreza quase insuperável. Foi salvo pela educação e fez dela seu rifle de combate. Coincidência ou não, lutou durante a Segunda Guerra Mundial pelas trincheiras jornalísticas da resistência francesa, sendo redator de um jornal com nome sugestivo: *Combat*.

Na França, não temeu denunciar o massacre francês aos muçulmanos na Argélia. Mesmo assim, fora criticado por patrícios por não se engajar em alta medida. Elevado à cúpula intelectual francesa pelo sucesso de *O Estrangeiro*, em 1942, viveu a angústia da dicotomia entre o relevo pessoal e a vida quase miserável da mãe na Argélia, a quem tentou convencer insistentemente a se mudar para a França, proposta diversas vezes rechaçada. Sua história, sua origem, sua formação exigiam mais. Inicia uma transição filosófica que faria ressurgir o verdadeiro Albert Camus e ao mesmo tempo o levaria ao ostracismo com a publicação do *Mito de Sísifo*, em 1942, no calor da guerra, em que apresenta claramente o que é o absurdo, e o refina com sua obra prima *O Homem revoltado*, em 1951, agora com uma visão completa do que foi o absurdo da guerra, provocando um verdadeiro cataclisma com o existencialismo e denunciando os principais atos históricos como nada mais que a elevação do absurdo a nível político e o massacre do povo sob a égide de “assassinos delicados” e “cinismo político”.²

DESENVOLVIMENTO

Tomado pela angústia que uma guerra suscita, Camus metralhou os anarquistas, os dezembristas, os levantes de 1905, a Revolução Russa, o Nazismo, o Fascismo, o totalitarismo

² Temas tratados na segunda parte de *O Homem revoltado*.

econômico e todos os personagens que compuseram esses horrores. A pesquisa aqui proposta quer se apropriar desse pensamento, não apenas para compreender a história ou fazer apanhado literário, mas para compreendermos a contemporaneidade. Vivemos um momento em que a angústia se tornou cônjuge conosco. Estamos em uma guerra bélica e em uma guerra ideológica, ambas com o mesmo alvo: a democracia. Camus conseguiu identificar o absurdo e seus personagens olhando para o passado e para seu tempo. Se usarmos essa mesma lente, quais absurdos veremos? Como se apropriar do pensamento político angustiante de Camus para a compreensão de nosso tempo? O que podemos predizer dos tempos vindouros?

O conceito de absurdo está mais presente e ativo no sujeito contemporâneo do que se poderia supor. Possui grande afinidade com o inconsciente freudiano. Ele é a prisão e a liberdade, é o esclarecimento e o desconhecimento, a revolta e a renúncia, é a reconciliação e o rompimento, basta saber qual posição o sujeito ficará após a constatação de sua condição inefável diante do mundo. Estas posições foram exemplificadas por Camus nas figuras do homem absurdo e suas facetas mais comuns: o ator, o conquistador e o amante. Invariavelmente, o deparar-se com a condição absurda em um dos personagens acima ao longo da vida tem peso decisório sobre o sujeito contemporâneo. É o gosto amargo da certeza de que há uma luta interna maior que a luta externa, sem nomeação, mas consciente de seu estado.

Camus sugere que o fim perfeito do homem absurdo é a consciência e a revolta em contraponto à renúncia. O homem revoltado é o contrário do homem reconciliado. Para este, há dois caminhos possíveis: romper com o divino e viver sem céu (o que exigirá um passo seguinte) ou o suicídio, o que para Camus é o “único problema filosófico realmente sério” (Camus, 1942/2020, p.19). A constatação é um episódio doloroso na vida do sujeito contemporâneo. Em dado momento percebe-se que encanara Sísifo e sua eterna condenação. Decerto, na contemporaneidade, a filosofia absurdista se deitou no divã.

É aqui, neste ponto, que o absurdo se intersecciona com o infamiliar (*das unheimliche*) freudiano. O sujeito contemporâneo se vê consciente de seu estado impotente diante da existência e ao mesmo tempo não consegue demarcar os caminhos que o levaram até aquele momento. É o conhecimento do desconhecimento. É o intraduzível: “o intraduzível não é o que não pode ser traduzido, mas o que não cessa de (não) traduzir” (Cassin, 2018 *apud* Chaves e Tavares, 2020, p.17).

Algo deste domínio é o infamiliar. Não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror, e, de todo modo, estamos seguros de que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido rigoroso, de tal modo que em

geral, coincide com aquilo que angustia. Entretanto, pode-se esperar que exista um determinado núcleo que justifique a utilização de uma palavra conceito específica. Gostaríamos de saber o que é esse núcleo comum, que permite diferenciar, no interior do angustiante, algo ‘infamiliar’ (Chaves; Tavares, 2020, p.29).

Mas, retomemos as figuras absurdas identificadas por Camus. Vejamos como se dá esse processo de inscrição no limbo do desejo. O primeiro personagem é o ator. Ícone sem história, pois seu esplendor é passageiro. Dura um espetáculo. O filósofo enxerga nesse personagem a primeira figura do homem absurdo. E sua análise vai além dos palcos, se estende à vida social e cotidiana. O que Camus quer nos legar é a clareza de uma vida espetacular e especular diante de uma atuação contínua no palco da existência. É ser-personagem, não ser-real, fingir, se maquiar, se autodepreciar por aplausos incertos. A revolta primeira de Albert Camus, dramaturgo bom lembrar, era mostrar que uma posição que se objeta para ser objeto do Outro é encenar o niilismo³.

O segundo é o conquistador, identificado na figura de Don Juan. “Se amar bastasse, as coisas seriam simples. Quanto mais se ama, mais se consolida o absurdo” (Camus, 1942/2020, p.75). Parece uma posição negativista da vida, mas não é essa a visão trazida pelo autor. O que se conclui é que a busca incessante pelo amor total é ridícula. Esse labutar sem fim, desejo em desejo, é ignorar a tristeza. O conquistador nega o abandono, inclusive do divino. Camus vem mostrar que esta figura do cotidiano é incapaz de viver de passado, vive sempre no futuro: “o dia que”; “quando eu conseguir”; “no futuro”; “quando chegar a minha vez”; são algumas de suas expressões favoritas. A conquista vem, quase que totalmente, acompanhada de ressentimento. É desejar sem medida e ser consumido pelo próprio desejo. É o enigma inverso da Esfinge: não me decifre, ou te devoro.

Por fim, nos deparamos com o amante. “Um homem é mais homem pelas coisas que silencia do que pelas que diz” (Camus, 1942/2020, p.87). O amante é inquilino do silêncio. Falar pode implicar perda. Esse personagem abraça o que fora negado pelo conquistador. Amor e medo se entrelaçam. O amante se incorpora a seu tempo, pois infere que é impossível se separar dele. Isso é absurdo! De fato, não existe nada mais dilacerante que o amor. A máxima de que ele tudo sofre e tudo suporta, deflagrou guerras e ceifou vidas. Amar é um desafio. Na contemporaneidade, esse afeto perdeu seu *status* preditivo.

Estas proposições são carregadas de angústia. O homem é um ser desejante, mas o desejo é o mais volátil dos afetos. Não tem objeto. Isso reforça o sentimento de absurdo no

³ Niilismo: redução ao nada; aniquilamento; não existência.

decorrer da vida. Os processos de subjetivação contemporâneos remodelaram essas afirmativas e seus personagens. Porém, a visão absurdista se mantém, atrevo-me a dizer que se exponenciou.

Vivemos em tempos turbulentos. Em todo o mundo, totalitarismos de direita e de esquerda têm colocado a democracia no cadafalso. Achávamos que as guerras bélicas de grande proporção teriam sido extintas, mas o que vemos são inúmeras micro guerras que ceifam vidas em nome de ideologias assassinas e sem piedade. Camus, cresceu e viveu em ambiente parecido. Tentou buscar sentido em tudo o que viu e viveu. Tentou se encaixar na teoria alheia. Tentou ser francês não só de nacionalidade, mas de afeição aos valores de igualdade, liberdade e fraternidade. Mas o sangue dos coirmãos argelinos cobrou-lhe um preço alto demais em suas certezas. A vida não tem sentido, ou melhor, a existência não tem sentido. O que faz a vida querer ser vivida? Qual o produto do labutar infinito se o fim de todos é a morte? Camus chegou a definir que só existia um único problema filosófico realmente sério: o suicídio. Ter a autonomia de decidir se a vida valia ou não a pena ser vivida.

Quando projetamos essa angústia de Camus na contemporaneidade vivemos um *déjà vu*⁴. A vida humana parece não ter mais sentido, ao menos para os algozes do poder. Sem forças para travar uma luta justa, findar a existência tem sido um caminho cada vez mais comum. Se existe uma coisa que pode dar esperança ao humano é a política. Querendo ou não estamos imersos nela.

Camus, sabiamente, utiliza dois personagens para exemplificar o absurdo da existência, um real e outro mitológico: Calígula e Sísifo. Ficaremos com o segundo, devido ao nosso enfoque filosófico. Mestre da malícia, da felicidade e considerado o mais astuto dos mortais, tornou-se o maior dos ofensores aos deuses ao conseguiu enganar a morte duas vezes. Seu crime: astúcia e infração à uma ordem não dada, ou seja, uma injustiça. Banido da terra dos vivos, foi condenado a empurrar morro acima uma pedra que rolava ao pé da montanha ao fim de seu curso, eternamente. Camus, utiliza essa alegoria mitológica para falar do homem, sua angústia e sua busca por encontrar sentido na vida, encontrar sua essência. Conclui que a única maneira de lutarmos contra o absurdo da existência é pela revolta.

Numa espécie de iluminação psicodélica, Camus resolve fazer da revolta seu mote político. E para isso precisava coragem, muita coragem. Começou por romper com o comunismo e denunciar as barbáries da URSS⁵. Atirou contra o anarquismo, acusando

⁴ Já visto, em francês.

⁵ URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Nechaiev e Bakunin de serem nada mais que opressores do povo em nome do povo. Expôs os disparates ideológicos da revolução russa e a era do terrorismo que se seguiu. Tornou-se baluarte contra o Nazismo e seu *Führer*. Atacou as bases do totalitarismo hegemônico da Europa sobre os povos africanos. Apoiou a revolução argelina. Fez inimigos. Perdeu *status* social. Foi linchado intelectualmente. Mas resistiu! E desforrou com um discurso nuclear na Academia Sueca de Ciências, em 1957, na ocasião do recebimento do Prêmio Nobel de Literatura:

Mas não me foi possível apreender vossa decisão sem comparar seu impacto ao que eu realmente sou. Como um homem ainda jovem, rico apenas em suas dúvidas e com sua obra ainda em marcha, acostumado a viver na solidão do trabalho ou no retiro da amizade, como este homem não sentiria uma espécie de pânico ao ouvir o decreto que o transporta subitamente, sozinho e reduzido a si mesmo, ao centro de uma luz ofuscante? E com quais sentimentos ele poderia aceitar esta honra se, neste momento, na Europa, outros autores, entre estes os maiores, estão reduzidos ao silêncio, e se, ao mesmo tempo, sua terra natal vem conhecendo um interminável infortúnio?

E ainda:

Durante mais de vinte anos de uma história demente, abandonado sem socorro, como todos os homens da minha idade, nas convulsões da época, fui amparado assim: pela obscura sensação de que escrever nos dias de hoje era uma honra, porque este ato não me obrigava apenas a escrever. Ele me obrigava particularmente a suportar, tal como eu era e segundo minhas forças, com todos aqueles que viveram a mesma história, o sofrimento e a esperança que compartilhávamos. Esses homens, nascidos no início da Primeira Guerra Mundial, que tinham vinte anos quando da chegada de Hitler ao poder e dos primeiros processos revolucionários, que foram posteriormente confrontados, para completar sua educação, com a guerra da Espanha, com a Segunda Guerra Mundial, com o universo dos campos de concentração, com a Europa das torturas e prisões, devem agora criar seus filhos e suas obras em um mundo ameaçado pela destruição nuclear. Ninguém, suponho, lhes pode exigir que sejam otimistas. E sou mesmo da opinião que devemos compreender, sem cessar de combatê-los, os erros daqueles que, por um lance do desespero, têm reivindicado o direito à desonra e se precipitam no niilismo da época. Mas a verdade é que a maioria de nós, em meu país e na Europa, tem recusado esse niilismo e já se colocou em busca de uma legitimidade. Foi preciso desenvolver uma arte de viver para esses tempos de catástrofe, para nascer uma segunda vez e, em seguida, lutar francamente contra o instinto de morte na obra da nossa história.

Interrogamos sobre a manutenção e distorção do homem absurdo nos tempos atuais. O que foi adicionado e o que foi subtraído, ou seja, é pensar uma existência onde o desejo não dilacera, onde o sujeito contemporâneo é capaz de se fazer ímpar, viver rompido com as cordas que o prendem nesta vida e o catapultam para a próxima, se houver. Questionamos se é onde falta sentido que o sujeito contemporâneo toma como infamiliar a possibilidade dele se apropriar disso e inventar seu destino, ainda que questionando seu horror e estranheza.

Dunker (2015), aborda nas linhas iniciais de seu livro *Mal-estar, sofrimento e sintoma* que, após vinte anos praticando análise em São Paulo, a principal querela do sujeito

contemporâneo é saber “o que é que eu tenho?” sem saber falar o que se tem/sente. É uma angústia diante de um absurdo da condição humana que não se inscreve. O absurdismo suplanta a dialética da psicanálise. O que o homem absurdo quer não é saber o que se tem, mas qual a decisão a tomar frente a contestação de que não terá. “Meu raciocínio deseja ser fiel à evidência que o despertou. Tal evidência é o absurdo, o divórcio entre o espírito que deseja e o mundo que decepciona, minha nostalgia de unidade, o universo disperso e a contradição que os enlaça” (Camus, 1942/2020, p.56).

Não é uma euforia frente a angústia, nem uma oposição. O que de fato existe são caminhos paralelos, tangenciados pelo desejo, que se bifurcaram na contestação da falibilidade humana no processo condutor da liberdade. O pensamento camusiano vem mostrar que não existe apenas a clínica reparadora do sujeito contemporâneo, existe também um prosseguir sem desejar. O próximo passo é o que de fato interessa na análise de intermissão e sequência do “confronto perpétuo do homem com sua própria escuridão” (Camus, 1942/2020, p.60).

A filosofia camusiana fere ao desferir golpes contra a própria filosofia: “a filosofia pode servir para tudo, até mesmo para transformar assassinos em juízes” e ainda: “estamos na época da premeditação e do crime perfeito” (Camus, 1951/2020, p. 13). Não imaginava que suas afirmações fariam tanto sentido na contemporaneidade. Há tempos que uma ideologia mata para erguer outra. Essas tentativas desenfreadas de superação têm escancarado o homem absurdo em nossos dias, ainda que velado aos próprios olhos. Mas não podemos impor demérito à luta psíquica e social do sujeito contemporâneo, internamente ele é consumido por um estranho sentimento inassimilável, “um confronto desesperado entre a interrogação humana e o silêncio do mundo” (Camus, 1951/2020, p. 17).

É exatamente, a partir desse ponto, que o sujeito contemporâneo inicia sua trajetória de redescoberta. Um ponto de luz em sua derradeira condição. Surge aqui, a única evidência possível de verificação da constatação pelo sujeito contemporâneo de seu estado absurdo, que é a revolta.

Que é um homem revoltado? Um homem que diz não. Mas, ele recusa, não renuncia: é também um homem que diz sim, desde o seu primeiro movimento. Um escravo, que recebeu ordens durante toda a vida, julga subitamente inaceitável um novo comando. Qual o significado deste não? ‘...Em suma, este não afirma a existência de uma fronteira. Encontra-se a mesma ideia de limite no sentimento do revoltado de que o outro exagera, que estende o seu direito além de uma fronteira a partir da qual um outro direito o enfrenta e o delimita.’ (Camus, 1951/2020, p. 27).

A tendência mais comum do sujeito contemporâneo é se reconciliar com seu estado psicossocial e se contentar com uma imagem de liberdade. Mas há também os “kamikazes⁶ do desejo”. Não apenas matam o ato de desejar, se matam subjetivamente com ele. Ao fazer isso despertam para duas novas possibilidades: revolta e renúncia, as duas com árduas consequências. A renúncia é a aceitação total do absurdo da condição humana e sua ação máxima é o suicídio, a deliberação de uma liberdade afrontosa frente à liberdade de amor proposta pelo divino. A revolta é seu oposto. O revoltado não renúncia, tampouco se rebela. Não é desses lugares que ele mostra seu valor. Ele sabe e sente, que de alguma forma e em algum lugar, se tem razão (Camus, 1951/2020, p.27).

Não satisfeita, a filosofia absurdista se dispõe a ser “herege” ao propor uma revolta metafísica. Aquela em que o homem insurge não somente contra sua condição, mas também contra sua criação. É metafísica porque contesta, vorazmente, os fins desta conjuntura (Camus, 1951/2020, p.41). Ao se revoltar contra sua condição o homem absurdo e revoltado exige uma reivindicação. Ao se revoltar contra sua criação ele pede clareza e justiça. “O revoltado desafia mais do que nega. Pelo menos no início, ele não elimina Deus: simplesmente, fala-lhe de igual para igual” (Camus, 1951/2020, p.43).

CONCLUSÃO

Existe uma dura crítica à religião no cerne da filosofia de Albert Camus. Para ele, a religião potencializa o absurdo e multiplica asseclas cegos. Mais uma vez vemos a similaridade dos conceitos camusiano com a teoria psicanalítica. Esta, talvez ainda mais agressiva do que aquela, forja uma ácida contestação da religião como “neurose obsessiva universal da humanidade” (Freud, 1927, p.28). Camus, vê que, na maioria dos casos, o homem absurdo ao buscar sua reconciliação com o mundo se joga na religião como novo palco de sua encenação. “Em seu fracasso”, diz Kierkegaard, “o crente encontra seu triunfo” (Camus, 1942/2020, p.47).

Outro ponto que não lhe escapa é a percepção de coletividade que o conceito de homem revoltado tem sobre o conceito de homem absurdo. O último vive o sofrimento de forma

⁶ *Kamikaze*, em japonês, significa vento de Deus ou vento divino. Na Segunda Guerra Mundial, jovens pilotos que arremessavam seus aviões contra navios inimigos ficaram mundialmente conhecidos por esta nomeação.

individual, enquanto o primeiro ganha a consciência de coletivo, é a aventura de todos. Isso tem grande importância em sua análise porque, após reconhecer o primeiro movimento da mente que se sente estranha, o próximo passo é reconhecer esse mesmo sentimento em todos os homens.

O mal que apenas um homem sentia torna-se peste coletiva. Na nossa provação diária, a revolta desempenha o mesmo papel que o cogito na ordem do pensamento: ela é a primeira evidência. Mas essa evidência tira o indivíduo de sua solidão. Ela é um território comum que fundamenta o primeiro valor dos homens. Eu me revolto, logo existimos (Camus, 1951/2020, p.38).

O homem absurdo não encontrará o *Eclesiastes* (Camus, 1942/2020, p.76). Com esta conclusão o filósofo recorre à máxima salomônica da vaidade, campo estéril ao homem absurdo. A vaidade é a antessala da contestação do estado absurdo da existência. Ao longo do processo de subjetivação humana somos confrontados com um sem número de afetos e caminhos. Vamos do Édipo ao narcisismo, da proteção à violência, do amor à ignomínia. Esses direcionamentos exigem decisões e posições. Não é facultado a isenção. E qual o produto de tudo isso? Qual o ganho em se conformar por completo às cartas marcadas da vida humana? Albert Camus se propôs, corajosamente, a buscar respostas a estas perguntas. A inferência é de que existe um estado absurdo da consciência humana que luta incansavelmente para provar seu valor. Existe um homem absurdo e ele quer falar.

Dessa forma, queremos ouvir, no mundo contemporâneo, os ecos deste discurso. Como o processo de subjetivação humano prossegue a partir do momento que o homem se dá conta de seu estado absurdo? As saídas abordadas por Albert Camus, em análise do social pós-guerra e da contracultura, permanecem as mesmas ou se adaptaram ao modo de vida pós-moderno? Essas são questões que problematizam a formação do sujeito contemporâneo ao superar a fronteira do paradoxo revolta-reconciliação e se une, invariavelmente, à visão psicanalítica freudiana do infamiliar (*das unheimliche*) como não traduzível da angústia doméstica e sua atuação no processo de contestação.

REFERÊNCIAS

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo** (1942). Rio de Janeiro: Best Bolso Ed. 2020.

CAMUS, Albert. **O homem Revoltado** (1951). Rio de Janeiro: Record Ed. 2020.

CAMUS, Albert. **A Inteligência e o Cadafalso** (1943). Rio de Janeiro: Record Ed. 2020.

CAMUS, Albert. **Discurso de recepção do Prêmio Nobel de Literatura na Academia Sueca de Ciências em 1957**. Disponível em < <https://blogdo.yurivieira.com>>. Acesso em 11 de jul. de 2022.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

FREUD, Sigmund. O Infamiliar (Das Unheimliche) (1920). In: FREUD, Sigmund. **O Infamiliar e outros escritos**. Trad. Ernani Chaves, Pedro Heliodoro Tavares (O homem de areia; tradução de Romero Freitas). Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, Sigmund. **O mal estar na Civilização** (1930). Rio de Janeiro: Imago, 1976. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol.21.

FREUD, Sigmund. **O Futuro de uma Ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1976. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v.9

LACAN, Jacques. Tiquê e Autômaton (1964) In: **O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1998.

MILLER, Jacques-Alain. **O ser, é o desejo**. Lição de 11 de maio de 2011 do curso de Jacques-Alain Miller: O Ser e o Um (inédito). Texto estabelecido por Christiane Alberti e Philippe Hellebois. Tradução: Vera Avellar Ribeiro. Disponível em < <https://congresoamp2020.com/pt/articulos.php?sec=el-tema&sub=textos-de-orientacion&file=el-tema/textos-de-orientacion/el-ser-es-el-deseo.html>>. Acesso em 06 de jun. de 2021.